

## Entre a tradição e a contemporaneidade

Glaucia Villas Boas

**Como citar:** BOAS, G. V. Entre a tradição e a contemporaneidade. *In:* KOSMINSKY, E. V. (org.). **Agruras e prazeres de uma de uma pesquisadora:** ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Marília: Unesp Marília Publicações; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 13-22. DOI: <https://doi.org/10.36311/1999.978-85-86738-08-5.p13-22>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## ENTRE A TRADIÇÃO E A CONTEMPORANEIDADE

*Glaucia Villas Bôas*<sup>1</sup>

Em sua obra, Maria Isaura aborda temas culturais e temas políticos. Temas que há muito instigavam a curiosidade dos primeiros estudiosos brasileiros das Ciências Sociais. Ao examiná-los, porém, não recusa as exigências da Sociologia de sua época. Ao contrário, as enfrenta, numa tentativa única de conhecer a lógica peculiar, imanente à vida social brasileira. Decifrar o grande enigma que é o Brasil,<sup>2</sup> é o desafio que reúne coerentemente suas numerosas pesquisas.

Para ressaltar alguns traços marcantes de sua trajetória intelectual, recorro ao quadro geral da produção das Ciências Sociais, particularmente da Sociologia, nos anos de 1945 a 1964. Primeiro, porque as escolhas que delineam o perfil da obra de Maria Isaura Pereira de Queiroz se fazem neste contexto de legitimação, expansão e florescimento das pesquisas em Ciências Sociais; segundo, porque, comparando os temas e os procedimentos teóricos e metodológicos, predominantes naquela época, com o caminho feito pela socióloga, pode-se não só compreender a sua contribuição específica, mas principalmente sua autonomia intelectual.

---

<sup>1</sup> Professora de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e pesquisadora do Laboratório de Pesquisa Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> PEREIRA de QUEIROZ, M. I. Desenvolvimento das Ciências Sociais na América Latina e contribuição européia: o caso brasileiro. *Ciência e Cultura (São Paulo)*, v. 41, n. 4, p. 383, 1989.

### **As Ciências Sociais e os anos de 1945 a 1964**

Como se sabe, a produção das Ciências Sociais se expande e se legitima no período em que a industrialização toma seu rumo definitivo no Brasil. Mudanças se evidenciaram no aumento da população, na expansão das camadas médias, na importância da classe operária no cenário econômico e social, na burocracia estatal, nos movimentos políticos no campo e na cidade, na radiodifusão, no cinema, na publicidade. A experiência destas mudanças gerava um novo horizonte de expectativas com relação aos destinos do país, que, decerto, favorecia duplamente a produção e recepção do conhecimento, criando condições propícias para a expansão das Ciências Sociais.

O número de universidades e estudantes cresceu muito, intensificando-se a participação dos jovens em movimentos político-reivindicatórios, que punham em xeque a ordem social e política. A formação de professores em disciplinas das Ciências Sociais, que se iniciara na década de 30, se fazia sentir nas atividades de recém-formados acolhidos pelas universidades para o exercício de funções docentes; na fundação de centros de pesquisa, a exemplo do Instituto Joaquim Nabuco, em 1949, e de sociedades científicas como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1948, além de órgãos de apoio à ciência como o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), em 1951.

Nestas circunstâncias, a formação de um público jovem, interessado na produção científica e em problemas sociais e políticos específicos da experiência que viviam, coincide com a consolidação da indústria do livro no país, possibilitando a difusão dos conhecimentos. O número de livros em Ciências Sociais praticamente duplica a partir de meados da década de 50.<sup>3</sup>

Outro fator vantajoso para o desenvolvimento das Ciências Sociais foi o caloroso debate sobre o papel social e político da produção cultural, incentivado por intelectuais e artistas. A partir de meados da década de 1950, as discussões sobre os compromissos da camada intelectual com os problemas do

<sup>3</sup> VILLAS BOAS, G. *A vocação das ciências sociais (1945/1964): um estudo sobre a sua produção em livro*. São Paulo, 1992..p. 46-58. Tese (Doutorado em Sociologia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

desenvolvimento e das desigualdades socioeconômicas ganharam tal relevância que vieram a influir em diversas iniciativas e empreendimentos, como a criação dos Centros Populares de Cultura, dos movimentos de alfabetização, o aparecimento do cinema novo, que não só trouxeram novas perspectivas culturais, educacionais e intelectuais, como também marcaram definitivamente os seus rumos. Os debates, que se traduziam em ações efetivas, davam vantagens às Ciências Sociais sobre outras formas de conhecimento, uma vez que, de certo modo, realçavam o seu caráter instrumental. Não se destinavam elas a ser um meio específico de compreensão dos fatos sociais, cujos resultados poderiam vir a ser utilizados na reformulação de idéias e na orientação da ação de grupos sociais? O sentido social que caracteriza a identidade das Ciências Sociais ía ao encontro do novo modo de encarar o sentido e a utilidade da produção cultural, por mais distintas tenham sido as direções tomadas pelos debates.

Não se pense, contudo, que a produção das Ciências Sociais se voltou imediata e exclusivamente para as novas demandas de conhecimento, que surgiam naquelas circunstâncias. Observando a produção em livros no campo das Ciências Sociais,<sup>4</sup> pude verificar que uma notável fatia dela está voltada para as disciplinas da Antropologia e da História, sobretudo nos anos de 1945 a 1955. Os estudos antropológicos procuravam, predominantemente, rever o passado, através da descrição de modos de vida dos grupos étnicos, que teriam participado dos *primeiros tempos* da formação da sociedade brasileira, conservando nos seus hábitos, crenças e costumes, características daqueles tempos. Fosse enfatizando as diferenças entre etnias e culturas, fosse realçando as diversidades regionais, fosse, ainda, examinando as peculiaridades das tradições populares, as investigações buscavam delinear os traços de origem da cultura brasileira. Paralelamente, a produção no campo da História concentra-se no conhecimento dos fatos políticos do passado. Focalizavam-se, então, a conquista territorial, o traçado das fronteiras internas e externas e o povoamento, relacionando estes fatos à formação e à atuação do poder político no Brasil. Na realidade, os historiadores, também, ressaltavam a continuidade do passado ao descrever as

---

<sup>4</sup> VILLAS BOAS, G., op. cit., 1992.

ações que resultaram na formação e manutenção da unidade política e geográfica do país. É somente a partir de meados da década de 1950, com o surpreendente crescimento da Economia e da Sociologia, que se observa um interesse cada vez maior dos cientistas sociais pela dimensão socioeconômica da vida social, pondo-se em foco a produção da riqueza, a trama do trabalho humano, a vida do homem comum e anônimo, numa dimensão histórica que buscava no passado as rupturas, as discontinuidades e as mudanças. Esta perspectiva cognitiva passa a concorrer com as que existiam na Antropologia e na História, alargando o horizonte de temas, questões e abordagens. Uma diferenciação importante e significativa da produção de conhecimentos ocorria, assim, caracterizando-se pela continuidade e pela mudança.

Dentro deste quadro, pode-se melhor compreender a relevância assumida pela Sociologia e o papel de liderança que desempenhou junto às demais disciplinas. A Sociologia desponta, naquela configuração histórica, como o saber que trata, por excelência, das mudanças sociais, focalizando as diferenças e desigualdades socioeconômicas dos grupos humanos. É neste sentido que amplia e renova seu leque temático mais do que qualquer outro campo das Ciências Sociais, apresentando uma produção crescente sobre o mundo rural e urbano. Além disto, os sociólogos se distinguiram, ainda, pelo empenho em tornar legítimos os padrões científicos de trabalho, registrando suas concepções de como fazer Ciência Social no Brasil, em numerosas publicações.

É neste cenário que se inscrevem as pesquisas de Maria Isaura Pereira de Queiroz sobre o messianismo, sobre os cangaceiros, sobre o coronelismo, sobre a festa de São Gonçalo, tomando como objeto da Sociologia, as crenças, os estilos de vida, o poder político, os festejos, para examinar o conservadorismo, a mudança, a reforma, e a revolução. Sob a primazia da Sociologia, reúne História e Antropologia, construindo uma ponte entre o passado e o presente, que lhe garante uma posição muito peculiar no quadro da produção sociológica de sua geração.

## Um diálogo aberto com a sociologia brasileira

Na década de 1950, o interesse em separar o joio do trigo, distinguindo os estudos da ciência daqueles julgados como ensaios, apenas de valor literário e ideológico, levou os sociólogos a uma discussão candente,<sup>5</sup> que via a produção intelectual do passado como faltosa, incompleta ou inautêntica. O afã de difundir uma modalidade de saber fundada na busca da neutralidade e na sistematização de dados empíricos terminava desautorizando a tradição de estudos precedente, ao classificar, de forma normativa, em científica e pré-científica, boa parte da produção de conhecimentos sobre a sociedade brasileira.

A questão da modernidade se impunha à Sociologia. O transplante, como se dizia na época, de idéias, padrões científicos, hábitos e costumes dos países desenvolvidos e hegemônicos constituía um dos focos polêmicos da atenção dos sociólogos. Embora discordassem em muito quanto à maneira de integrar o Brasil no conjunto das sociedades modernas, aceitavam este desafio como uma exigência histórica, política e intelectual. Guerreiro Ramos, por exemplo, afirmava que se deveria evitar tanto o transplante de estilos de vida como o de técnicas de pesquisa e referências teóricas, distinguindo os transplantes predatórios dos acelerativos, que serviam para superar o atraso do país; Costa Pinto sugeria o exame crítico das idéias transplantadas, e Florestan Fernandes defendia a adoção de padrões universais de explicação racional como uma técnica moderna de consciência do mundo. De todo modo, era preciso quebrar com a tradição, rompendo com uma modalidade de saber que distinguira os estudiosos brasileiros dos primeiros tempos. Conhecimentos adquiridos no passado eram considerados inautênticos por Guerreiro Ramos, uma vez que não resultavam de uma evolução histórica própria, mas dependente; incompletos para Florestan Fernandes, não atendiam aos padrões universais inerentes ao saber racional cujo florescimento

<sup>5</sup> A respeito desta discussão ver VILLAS BOAS, G. Desenvolvimento das Ciências Sociais na América Latina e contribuição européia: o caso brasileiro. *Ciência e Cultura*. (São Paulo), v. 41, n. 4, 1989. \_\_\_\_\_. Das dilemma der brasilianischen Sozialwissenschaftler. *Lateinamerika — Studien (Frankfurt a. M.)*, v. 33, p. 427-450, 1994. GUERREIRO RAMOS, A. *Cartilha de aprendiz de sociólogo*. Rio de Janeiro: Est. de Artes Gráficas C. Mendes, 1954. FERNANDES, F. *A Etnologia e a Sociologia no Brasil*. São Paulo: Anhambi, 1958; \_\_\_\_\_. *A Sociologia numa era de revolução social*. São Paulo: Ed. Nacional, 1963; \_\_\_\_\_. *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977. COSTA PINTO, L. A. *Sociologia e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

ocorre nas modernas sociedades de classes; “culturalistas” para Costa Pinto, porque utilizavam a noção de cultura de forma demiúrgica, separando o produto das relações humanas das relações humanas elas mesmas. O ideal de produção de conhecimento científico e moderno, em que pese seu caráter inovador, levava a uma concepção negativa dos conhecimentos adquiridos no passado.

Maria Isaura Pereira de Queiroz segue, porém, outro caminho. Distingue os ideais de modernidade, almejados para a sociedade brasileira, das tarefas próprias da Sociologia. Não os condena, porém, os submete à crítica. Crítica fundada em um conhecimento sociológico que, cético quanto aos modelos, paradigmas e padrões teóricos, busca, sobretudo, na observação rigorosa da experiência humana a resposta para suas indagações. Sem desconsiderar a Sociologia enquanto saber instrumental, põe em dúvida a universalidade dos processos de industrialização, de racionalização e de padronização do mundo, demonstrando nas suas pesquisas que estes processos não anulam as diferenças históricas e culturais, que devem ser respeitadas como *locus* privilegiado da liberdade humana.<sup>6</sup>

Essa postura encontra-se também nos seus escritos sobre os precursores das Ciências Sociais, como denomina, significativamente, os primeiros estudiosos brasileiros.<sup>7</sup> Não procura neles um pensamento diletante para medir as suas falhas pela imposição de um padrão cognitivo moderno. Porém, mostra que o interesse no conhecimento das *diferenças* brasileiras muito cedo levava estudiosos às pesquisas e às interpretações da realidade nacional, chamando a

<sup>6</sup> PEREIRA de QUEIROZ, M. I. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana*. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: EDUSP, 1978. p. 68-87.

<sup>7</sup> Ver as reflexões de Maria Isaura Pereira de Queiroz em: \_\_\_\_\_. *Études Ethno-sociologiques au Brésil. Cahiers de l'Institut de Science Économique Appliqué (Paris)*, n. 96, 1959; \_\_\_\_\_. *Historia y etnologia de los movimientos mesiánicos*. México: Siglo XXI, 1969; \_\_\_\_\_. (coord.). *Introdução ao estudo da Sociologia no Brasil*. São Paulo: IEB/USP, 1971; \_\_\_\_\_. *Desenvolvimento, no Brasil, das pesquisas empíricas de Sociologia: ontem e hoje. Ciência e Cultura (São Paulo)*, v. 29, n. 12, 1972; \_\_\_\_\_. *A Sociologia brasileira na década de 40 e a contribuição de Roger Bastide. Ciência e Cultura (São Paulo)*, v. 29, n. 12, 1977; \_\_\_\_\_. *Brésil, XIXe siècle: les précurseurs des sciences sociales. Culture, Science et Développement. Mélanges en l'honneur de Charles Morazé*. Toulouse: Privat, 1979a; \_\_\_\_\_. *Principe de participation et principe de coupure. Archives de Sciences Sociales des Religions (Paris)*, v. 47, n. 1, 1979b; \_\_\_\_\_. *Cientistas sociais e o auto-conhecimento da cultura brasileira através do tempo. Cadernos, CERU (São Paulo)*, n. 13, 1980; \_\_\_\_\_. *Desenvolvimento das ciências sociais na América Latina e contribuição européia: o caso brasileiro. Ciência e Cultura (São Paulo)*, v. 41, n. 4, 1989.

atenção para o rico acervo de estudos que vai se reunindo no Brasil, desde a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1838; chama a atenção, também, para a elaboração de hipóteses interpretativas da sociedade brasileira, a exemplo do pioneirismo de Euclides da Cunha ao esboçar uma teoria dualista do Brasil. Considerando positivamente a filiação dos conhecimentos adquiridos à tradição européia do saber, questiona a idéia de influência, que desvaloriza as contribuições possíveis e evidentes em trabalhos de Silvio Romero, Euclides da Cunha, Manuel Querino, Nina Rodrigues, Oliveira Vianna, entre outros. É justamente por conferir dignidade aos cientistas sociais do passado, buscando compreendê-los no seu *tempo*, que melhor examina, não apenas o alcance, mas as limitações de suas obras, e, conseqüentemente, a contribuição preciosa dos pesquisadores e professores estrangeiros a quem sempre homenageou.

Teria a leitura cuidadosa dos mestres brasileiros do passado concorrido para suas escolhas temáticas? “Desde fins do século passado”, afirma, “o meio rural brasileiro tornou-se objeto de estudo, devido à curiosidade que despertava entre cidadãos, admirados de que se conservassem no interior estilos de vida que tinham desaparecido das cidades grandes”.<sup>8</sup> É, pois, no trânsito entre o campo e a cidade, que investiga os cultos religiosos, os movimentos e os conflitos messiânicos, as festas, o poder político, destacando-se suas escolhas entre os assuntos preferenciais da Sociologia, pois vinham sendo cultivados pelos folcloristas, pelos antropólogos, pelos historiadores políticos. Na ocasião daquelas escolhas, as pesquisas em Sociologia voltavam-se, cada vez mais, para o processo histórico, social e econômico que transformava a sociedade brasileira de base agrária em uma sociedade industrial capitalista. Era estudado em suas linhas gerais, ou, servia de pano de fundo para estudos específicos que tratavam fosse das relações e condições de trabalho no meio rural brasileiro, fosse dos deslocamentos de migrantes e imigrantes, fosse das relações entre negros e brancos. Logo surgiram, também, pesquisas sobre o meio urbano que privilegiavam a formação da classe operária e as condições de vida, sobretudo a moradia, nos grandes centros

---

<sup>8</sup> PEREIRA de QUEIROZ, M. I. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre a civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUSP, 1973. p. 7.

urbanos. O exame das mudanças sociais tinha como fundamento a diferenciação dos grupos humanos a partir de sua inserção no processo produtivo do trabalho, sobrepondo-se esta diferença às diferenças históricas, étnicas, culturais, nacionais e regionais. As chances de mobilidade social de grupos e segmentos sociais eram também avaliadas deste ponto de vista.

Maria Isaura Pereira de Queiroz estuda as condições de vida do homem do campo, enfatizando suas dimensões políticas e simbólicas. Contudo, as focaliza de um ponto de vista sociológico, que questiona o dualismo campo e cidade, moderno e tradicional. Afasta-se, também, das orientações da Economia Política contidas na idéia de desenvolvimento econômico. Sua abordagem sociológica busca preservar uma qualidade própria para a dimensão social da vida humana, cujo limite e compreensão não se submetem nem à instância do trabalho, nem à instância dos valores, nem à instância do sagrado, nem à instância do político, porém, incluindo-as, se define como uma instância própria. Como diz Roger Bastide, Maria Isaura procura a *sociedade* que se esconde atrás das utopias, dos sonhos coletivos, do catolicismo popular ou do sebastianismo.<sup>9</sup> Sua posição fica clara em escrito datado de 1978:

Este social que vem aguçando há mais de vinte anos a nossa curiosidade, não o vemos nem imóvel nem homogêneo; está partilhado em segmentos variados que ora se apresentam como grupos, ora como coletividades, ora como parentelas, ora como classes sociais, — segmentos que compõem uma dada estrutura na qual se distribuem segundo determinados critérios de estratificação. Sem analisar a composição das estruturas e das estratificações, não alcançamos uma compreensão nítida da sociedade global.<sup>10</sup>

Outra marca distintiva da Sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz está na recusa do evolucionismo linear, tanto quanto de estruturas constantes e permanentes no devir social. Sua abordagem sociológica, apóia-se,

<sup>9</sup> BASTIDE, R. Prefácio. In: PEREIRA de QUEIROZ, M. I. *Historia y etnologia de los movimientos mesiánicos*. México: Siglo XXI, 1969.

<sup>10</sup> PEREIRA de QUEIROZ, M. I. op. cit., 1978, p. x.

antes, numa visão histórica peculiar que busca tanto continuidades como mudanças numa evolução contínua. Tal ponto de vista confere liberdade para o exame do desaparecimento e da continuidade, da transformação de uma pluralidade de práticas políticas, religiosas, comemorativas, sem que as considere recriações necessárias, resquícios ou sobrevivências.

Na realidade, as concepções de sociedade e de História, inerentes aos seus estudos, lhe permitem mover-se criativamente no âmbito da Sociologia, à procura da *lógica imanente* da sociedade brasileira. Esta lógica, entretanto, não se deixa conhecer através de idéias, mas sim, através da pesquisa empírica: “são os dados empíricos que atraem sem exceção nossa observação e reflexão”.<sup>11</sup> Uma vez que as considerações teóricas não são conclusivas, ainda que possam guiar os meandros do conhecimento, não se sobrepujam à experiência humana, que é preciso captar através dos mais diversos materiais: trabalho de campo, depoimentos, histórias de vida, dados estatísticos, fontes literárias, documentos, fontes bibliográficas, fotografias. Assim, os mais diversos materiais fundamentam as suas pesquisas, sem que associe um tipo de material a uma disciplina específica. Todos são válidos se levam a um conhecimento mais profundo e minucioso dos problemas abordados. É indispensável, contudo, pesquisá-los e refletir sobre seus limites e suas adequações, o que faz ao longo de toda sua vida profissional.<sup>12</sup>

Este caminho sociológico, voltado para uma busca incessante da cultura brasileira, distingue a obra de Maria Isaura não apenas no quadro da produção sociológica de sua geração mas, também, na atualidade. Seus escritos registram de maneira clara, generosa com o leitor e aberta à crítica, aquela busca incessante. Nas suas descrições, narrativas e análises, entretanto, a noção de cultura brasileira que elabora, se dispersa, se fragmenta, não se deixa captar, e – como um enigma a ser decifrado – nos convida sempre a uma nova leitura.

---

<sup>11</sup> Idem. Ibidem.

<sup>12</sup> PEREIRA de QUEIROZ, M. I. Escravos e mobilidade social vertical em dois romances brasileiros do século XIX. *Cadernos, CERU (São Paulo)*, n. 9, 1976b; \_\_\_\_\_. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.